

## O gênero roteiro e sua relação com a criação de materiais audiovisuais

The script genre and its relationship with the creation of audiovisual materials

El género del guión y su relación con la creación de materiales audiovisuales

Recebido: 12/05/2022 | Revisado: 21/05/2022 | Aceito: 24/05/2022 | Publicado: 29/05/2022

**Micael Doria de Andrade**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9506-6704>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: [micael.andrade@usp.br](mailto:micael.andrade@usp.br)

**Rosângela Andrade Aukar de Camargo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4872-2331>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: [rcamargo@eerp.usp.br](mailto:rcamargo@eerp.usp.br)

### Resumo

Roteiro é um texto que indica e sistematiza informações básicas que constituirão um trabalho previamente guiado. Sabe-se, portanto, que esse é um gênero discursivo multifacetado com pertinência em diversas áreas da interação humana, seja na ciência, nas artes, na saúde ou na educação. Assim, objetiva-se neste manuscrito discutir sobre a origem do roteiro; abarcar suas definições e conceitos que lhes são atribuídos; evidenciar características intrínsecas ao gênero, bem como seus aspectos estruturais. Ademais, trata-se de um estudo de natureza teórico-conceitual realizado a partir de análise documental, o qual se debruça sobre a vertente exploratória/bibliográfica. Evidencia-se, portanto, que os achados neste estudo corroboram a ideia de que o gênero roteiro é entendido como uma espécie de guia instrutivo que visa auxiliar o processo criativo de determinada produção, seja essa técnica ou artístico-literária. Conclui-se que, embora rodeado de orientações metódicas e técnicas, esse gênero requer domínio da linguagem, objetividade e simplicidade para o alcance sistêmico, a fim de ser esclarecedor, instrutivo e dotado de informações que servirão de base na construção de uma espécie de mapa norteador em determinada ação humana.

**Palavras-chave:** Roteiro; Texto técnico; Escrita; Material audiovisual.

### Abstract

Script is a text that indicates and systematizes basic information that will constitute a previously guided work. It is known, therefore, that this is a multifaceted discursive genre with relevance in various areas of human interaction, whether in science, arts, health or education. Thus, the objective of this manuscript is to discuss the origin of the screenplay; to cover its definitions and concepts that are attributed to it; to evidence characteristics intrinsic to the genre, as well as its structural aspects. Moreover, this is a study of theoretical and conceptual nature carried out from documentary analysis, which focuses on the exploratory/bibliographical strand. It is evident, therefore, that the findings of this study corroborate the idea that the screenplay genre is understood as a kind of instructive guide that aims to aid the creative process of a given production, be it technical or artistic-literary. We conclude that, although surrounded by methodical and technical guidelines, this genre requires mastery of language, objectivity and simplicity for systemic achievement, in order to be enlightening, instructive and endowed with information that will serve as a basis in the construction of a kind of guiding map in a given human action.

**Keywords:** Script; Technical text; Writing; Audiovisual material.

### Resumen

El guión es un texto que indica y sistematiza la información básica que constituirá un trabajo previamente guiado. Se sabe, por tanto, que se trata de un género discursivo polifacético con relevancia en diversos ámbitos de la interacción humana, ya sea en las ciencias, las artes, la salud o la educación. Así pues, este manuscrito pretende discutir el origen de la escritura; abarcar sus definiciones y los conceptos que se les atribuyen; destacar las características intrínsecas del género, así como sus aspectos estructurales. Además, se trata de un estudio de carácter teórico y conceptual realizado a partir del análisis documental, que se centra en el aspecto exploratorio / bibliográfico. Es evidente, por tanto, que las conclusiones de este estudio corroboran la idea de que el género del guión se entiende como una especie de guía instructiva que pretende ayudar al proceso creativo de una determinada producción, ya sea técnica o artístico-literaria. Se concluye que, aunque rodeado de pautas metódicas y técnicas, este género requiere dominio del lenguaje, objetividad y sencillez para su alcance sistémico, para ser esclarecedor, instructivo y dotado de información que sirva de base en la construcción de una especie de mapa orientador en determinada acción humana.

**Palabras clave:** Guión; Texto técnico; Escritura; Material audiovisual.

## 1. Introdução

Roteirizar é um processo que antecede várias outras etapas que subsidiarão a criação e o desenvolvimento de uma determinada atividade. Isso porque roteiros são textos que adotam determinado arquétipo de apresentação, transportando em seu arcabouço marcas inevitáveis do estilo (Zorzo, 2020). Desse modo, evidencia-se que o objetivo de um roteiro se associa ao ato de narrar uma história, criando imagens e sons através do texto (Esteves, 2018; Field, 1995). Com base nisso, é fundamental entender os princípios norteadores que atestam a origem, as características e usabilidade do roteiro como elemento que faz parte da construção técnica de trabalhos e práticas socioeducativas em diversas atividades sociais, seja por meio de um simples folder informativo, ou produções mais elaboradas tais como filmes, infográficos animados, peças teatrais, projetos audiovisuais, etc.

Sob essa concepção, evidencia-se que o roteiro, por estar associado a uma atividade comunicativa humana, se caracteriza como um gênero discursivo, possuindo, então, características próprias e delineamentos específicos. Para Bakhtin (2016), os gêneros discursivos são meios que possibilitam a comunicação entre sujeitos, somado a isso existe o fato de serem dotados de especificidades, tais como: conteúdos temáticos, composições estruturais específicas, estilos próprios. Desse modo, o roteiro, dentro duma perspectiva comunicativa e dialógica, admite particularidades que o caracterizam como um gênero sistemático e organizacional mediante a necessidade de quem o utiliza.

Nesse contexto, um roteiro indica e sistematiza informações básicas que constituirão um trabalho previamente idealizado, ou seja, elucida personagens, espaço, tempo, cenas e/ou entrevistas, organizando, assim, início, meio e fim de uma obra, sendo, portanto, responsável por apontar a estrutura fundamental de uma atividade em construção (Melo et al., 2021). Além disso, roteirizar age como um compilado que sintetiza e reúne elementos que ao decorrer da execução de um trabalho serão colocados em prática. Assim, esse tipo de texto pode ser entendido como um passo a passo, ou seja, a organização de uma ideia inicial que ganhará tónus em sua finalidade.

Ressalta-se ainda que ele é compreendido como um gênero secundário, pois, diferente dos primários que são simples e têm origem nas condições discursivas imediatas, os secundários - e aqui insere-se o roteiro - surgem mediante condições de um convívio cultural mais complexo, desenvolvido e mais organizado (predominantemente o escrito) - artístico, científico, sociopolítico, exigindo técnica de criação (Bakhtin, 2016). Isso converge com a condição do roteiro assumir uma estrutura padronizada, instrucional, a qual visa guiar a realização material de um projeto em etapas que serão cumpridas para sua efetivação (Araujo, 2014). Com esse entendimento, sabe-se, portanto, que o roteiro é um gênero discursivo multifacetado com pertinência em diversas áreas da interação humana, seja nas artes, nas ciências, na educação, dentre outras, já que, roteirizar assume valor de estabelecer uma base de conhecimento para aquilo que será erguido.

É perceptível, portanto, que roteirizar demanda um olhar aguçado e principalmente criatividade sobre o que se deseja escrever, já que é nessa fase que se estrutura a ideia central que será desenvolvida. Há, então, uma mescla de diferentes simbioses, seja por meio ideias derivadas de leituras, músicas, textos, vídeo, enfim, mídias visuais, etc. (Kersch & Matias, 2018). Assim, o roteirista precisa estimular suas percepções para que a escrita seja coesa, precisa e atenta aos moldes precedidos pelo gênero. Atribui-se a esta ação um caráter pormenorizado, técnico, descrito-narrativo e ordenado, a qual sofre uma metamorfose entre início e o fim do processo criativo.

Entretanto, embora o roteiro esteja intimamente ligado a diversas realizações no campo social e tenha forte aproximação ao mundo cinematográfico, observa-se ainda que há raros estudos que se debruçam sobre esse gênero. Certamente isso ocorre, pois, pouco se pesquisa o roteiro de forma isolada, em virtude da brevidade ocupada por esse gênero na elaboração de um projeto, já que, geralmente a roteirização fica concentrada no princípio de uma obra, e conseqüentemente, torna-se objeto pouco analisado (Esteves, 2018). Mediante tal ótica, é pertinente aprofundar-se sobre essa temática, assim, será possível compreender com mais precisão acerca de suas propriedades ainda pouco exploradas, e por sua vez, preencher as

lacunas associadas ao gênero supracitado.

Dessa maneira, a fim de uma compreensão para além da superfície do tema, faz-se neste estudo uma análise sobre o gênero, aqui, apontado. Portanto, objetiva-se neste manuscrito discutir sobre a origem do roteiro; abarcar suas definições e conceitos que lhes são atribuídos; evidenciar características intrínsecas ao gênero, aspectos estruturais e usabilidade. Ademais, pretende-se também elucidar a relação desse gênero com a criação de materiais audiovisuais e os possíveis desafios enfrentados no processo elaboração destes.

## 2. Metodologia

O presente manuscrito trata-se de um estudo de natureza teórico-conceitual realizado a partir de análise documental sobre a história, conceito, caracterizações e propriedades do gênero roteiro, buscando associar este objeto investigado a possíveis usabilidades na criação de materiais audiovisuais na esfera social. Deste modo, esta pesquisa debruça-se sobre a vertente exploratória/bibliográfica, visto que se utiliza de estudos entendidos como fontes bibliográficas, ou seja, livros, artigos científicos e achados teóricos que corroboram e subsidiam o ordenamento e a construção de hipóteses que direcionam este estudo (Gil, 2007).

## 3. Resultados e Discussão

### 3.1 Roteiro: origem, escrita e performance multitextual

Partindo da concepção etimológica, nota-se que a natureza do roteiro está associada ao ato de escrever, já que em sua origem, o termo “roteiro” deriva do latim *scriptum* e significa escrita (Kickhöfel, 2015). Essa característica inata - *a escrita* - possibilita que esse gênero dialogue com outras áreas, outros gêneros e performances sociais. Na verdade, concebe-se ao roteiro um múltiplo arranjo de outros intertextos, já que, para a materialização deste é indispensável que tantos outros intertextos também sejam acessados para sua criação, ou seja, ele é fruto da releitura e contato com obras anteriores (Cruz, 2016; Galvão & Tiburzio, 2021).

Convém lembrar que, ainda que sua origem esteja intimamente ligada à escrita, é no mundo das artes, em especial, no contexto cinematográfico que esse gênero ganha notoriedade. Sabe-se que é no cinema que o roteiro tem sido utilizado com maior ênfase, pois a Sétima Arte prefigura indiscutivelmente uma grande narrativa (escrita e fala) da modernidade. Logo, roteirizar assume papel fundamental nas engrenagens que constroem ideias e anseios, buscando, por sua vez, aproximar o caráter narrativo da vida aos fatos e acontecimentos reais ou fictícios (Cruz, 2016; Paiva & Gomes, 2015).

Denota-se que, apesar de o roteiro estar associado a outras áreas de conhecimento, é no cinema, ou seja, nas artes que ele encontra mais visibilidade. Certamente, roteirizar vai de encontro a tantas outras vertentes textuais plásticas, artísticas e literárias. Diante desse cenário multitextual do qual provém o roteiro, é salutar a sua derivação e simbiose preexistente, gerando, assim, o hipertexto - o roteiro (Kickhöfel, 2015). Isso, por sua vez, não anula sua relação entre escrita e trabalhos audiovisuais, como cinema, propagandas, *folders* informativos, infográficos animados, músicas, filmes, peças de teatro, etc., ao contrário, reforça ainda mais sua plasticidade e capacidade de interação com diversos meios sociocomunicativos e interações sociais nas inúmeras ações humanas.

Em face de tal realidade, esse gênero admite um caráter textual que lhe permite encontrar na escrita o fio condutor para se aproximar de outras dimensões, sejam elas literárias ou tecnicistas. De fato, o roteiro para conseguir o cunho cinematográfico, por exemplo, precisa estar centrado àquilo que o olhar alcança, devendo seu texto estar submetido à condição de descrever sempre alguma coisa que é dada a ver (Soares, 2009). Isso reafirma a conexão e interrelação desse gênero com os diversos âmbitos sociais, sendo estes fazeres mediados pelo exercício da escrita prévia daquilo que o homem pretende constituir antes mesmo de materializar seu propósito final.

Por conseguinte, através de uma construção híbrida são entrecruzados múltiplas textualidades, linguagens, discursos, tempos, locais de enunciação (Cruz, 2016; Moran et al., 2013). Em face da dinamicidade desse gênero é comum que o “*script*” surja como o rascunho do que se almeja para uma atividade educativa, artística, científica, etc. Atualmente, em virtude da modernidade e intensificação da internet e recursos multissemióticos, não é de se estranhar que o roteiro antes de ganhar *corpus* em uma folha de papel ou na tela de um computador se prefigure em notas de áudios ou até mesmo em pequenas anotações nos blocos de notas virtuais de *tablets e smartphones*. Nesse âmbito da multimodalidade, enfatiza-se que:

Quanto aos recursos multimodais, um roteiro de documentário pode fazer o uso de tabelas, para que haja melhor compreensão da organização do filme. Outros recursos de formatação, como os recuos, o emprego de palavras em caixa alta, negrito ou itálico (como em títulos, subtítulos e marcas de transições de cenas) geralmente auxiliam no posterior processo de produção, por permitirem uma melhor visualização da demarcação das etapas do roteiro. O uso de símbolos, de sons e de imagens não ocorre no texto do roteiro, mas são feitas referências aos recursos multimodais a serem usados no produto final. (Kersch & Matias, 2018, p. 136)

Pelo fato de o roteiro circular entre as mais variadas performances sociais, culturais e tecnológicas, consequentemente os suportes em que ele pode ser encontrado podem variar continuamente: indo desde um manuscrito impresso de circulação restrita ou até mesmo à circulação em meio virtual/digital, como arquivos nos diferentes formatos das mídias digitais: documento em formato *Word*, áudios, PDF, vídeos, etc. (Kersch & Matias, 2018; Moran et al., 2013). Toda essa dimensão evidencia que o roteiro se alarga a diversos contextos à sua volta e alcança diversos públicos e ambientes, isso o caracteriza como um gênero adaptável à necessidade e circunstâncias de quem o escreve.

Sob este aspecto, é compreensível que a criação de um roteiro seja estabelecida entre a relação de palavras (textos) e imagens, sons, narrativas e diversas influências de tantos outros saberes que circundam o processo de concepção de um determinado material fílmico. Então, não é de surpreender que um redator de roteiros conduza seu trabalho pautando-se na ampla diversidade de olhares descritivos que transmutem na larga liberdade criativa figurada num texto técnico (Zorzo, 2019; Hampe, 1997). Isso nos instiga a pensar no roteiro não somete como um texto fechado em si, mas sim, como gênero um que ultrapassa largamente o ideal instrutivo e técnico (Cruz, 2016; Field, 1995). Em suma, roteirizar é uma atividade dinâmica e também complexa em que o roteirista se desafia desde o princípio a criar em um momento prévio à consolidação de um projeto que totalize sua ideia num desfecho passível de alterações.

Acrescenta-se ainda que, enquanto obra descritiva-narrativa, o roteiro não tem limites, e, portanto, defini-lo ou reduzi-lo a uma forma dialógica se torna quase impossível. É claro que ele é diferente de um conto ou de um poema, no entanto, também é possível convergir semelhanças com tais gêneros, isto é, as fronteiras entre os gêneros textuais são flutuantes e mudam com o tempo. Por isso, se torna difícil estabelecer uma definição fixa. (Esteves, 2018). Então, pode-se entender que a relação do roteiro no âmbito da escrita é guiada por certas transições adaptáveis mediante o cenário o qual é elaborado, pois, de modo geral, este aparece em situações complexas e dominadas pela linguagem, em especial, pela escrita.

Entretanto, há quem defenda que ao contrário de um texto literário, que permite uma leitura dotada de interpretações e liberdade, no roteiro, isso fica menos abstrato e dependerá de como o público-alvo a quem se destina esse gênero irá interpretá-lo (Zorzo, 2019; Puccini, 2009). É nesse contexto que a prática de roteirizar encontra-se limitada unicamente ao fato de ser um “texto guia” escasso de literariedade e imaginação. Associa-se à esta vertente uma carga técnica e prática carregada em si, sendo, portanto, visto como um gênero enrijecido e muitas vezes restrito, objetivo, específico para um determinado contexto.

Por outro lado, a partir da linguagem trabalhada na composição estética, o gênero roteiro se eleva a micronarrativas que se concretizam em unidades dramáticas, todavia, isso irá depender da proposta a que se inclinará determinado trabalho (Kickhöfel, 2015). Por isso é importante denotar que mesmo sendo rodeado de características técnicas, o roteiro é livre para ser utilizado em diversas atividades, já que este gênero ainda em sua idealização, soa como sinônimo de planejamento para se

realizar algo, seja um evento, aulas, filme, documentário, uma viagem, apresentações e criações pedagógicas, enfim, roteirizar também é planejar.

Infere-se, portanto, que independente da transposição de um determinado roteiro para um suporte audiovisual ele precisa ser anteriormente escrito, conter ideais claras, indicações de cenas, diálogos (quando necessário) e indicação de espaço e tempo. Assim, esse gênero é transformado em material de leitura tão legítimo quanto o produto que dele resultará (seja um filme, documentário, novela, *folder*, etc.) devendo ser tratado como tal (Kickhöfel, 2015; Hampe, 1997). Logo, é compreensível encará-lo como um gênero multidimensional, ainda que técnico, ele é dotado de particularidades que vão além do mero tecnicismo involuntário.

### 3.2 Tipos de roteiros: perspectiva técnica e literária

Reconhecer um roteiro talvez não seja tarefa difícil, pois este é dotado de características particulares que o torna evidente entre os gêneros textuais, tais como sua concisão, objetividade, e principalmente, por servir como espécie de guia para criar determinado projeto, ideia ou trabalho, como já dito anteriormente. No entanto, é preciso considerar que existe a possibilidade de tratar esse gênero tanto de forma técnica, como geralmente é considerado, mas também sob a ótica literária, ou seja, o gênero roteiro assume tanto um caráter técnico bem como literário. Comumente, roteirizar é a parte de um todo, ou seja, é o texto inicial que contém os elementos de uma obra maior, traçando nele detalhamentos que envolvem a produção, servindo como bússola para quem o desenvolve. Nesse sentido, observa-se que:

O roteiro técnico é aquele que parte do roteiro inicial para detalhar aspectos de produção. Ou seja, enquadramentos, cenários, indicações do diretor e diversas outras informações como essas são anotadas e computadas no roteiro técnico. Ele serve apenas para que a equipe possa estar no controle da produção. Isso significa que não há nenhuma anotação narrativa nele além daquelas que já estavam lá no primeiro roteiro escrito. Concluímos que todo roteiro tem duas funções básicas – narrativa e técnica –, e que ambas as funções estão uma a serviço da outra. (Esteves, 2018, p. 32)

A partir dessa concepção, denota-se que o roteiro técnico é um segmento desse gênero que fica responsável por assinalar as partes indicativas, ou seja, as estruturas descritivas mediante a função dos agentes que executarão o trabalho, a exemplo, diretor, equipe técnica, cenários, iluminação, etc.

Por está intimamente associado à parte técnica, o roteiro figura como um texto adstrito, porém é por meio dele que se percorre um trajeto detalhado entre o início, meio e o fim de uma história (Kersch & Matias, 2018; Hampe, 1997). Ademais, enquanto instrumento técnico, percebe-se que esse gênero possui possibilidades textuais exclusivamente dele que facilitam a realização de uma ideia (Esteves, 2018; Galvão & Tiburzio, 2021). Assim, uma de suas principais características inerentes é: organizar o processo criativo da ideia à execução, já que ele é indispensável para quem deseja criar um projeto audiovisual.

Sob essa perspectiva tecnicista, Cruz (2016) trata o roteiro como um manual instrutivo, que nos moldes fílmicos, exprime detalhes, indica cenas, cenários, locação e horário, ou seja, nesse tipo de texto não há uma unidade intercênica que interfira na passagem do tempo, ao contrário, tal anúncio acontece de forma intracênica. Isso incide na compreensão de que “o roteiro é um texto duro, em geral, pouco afeito a quaisquer devaneios poéticos, e que visa à objetividade – de outro modo, obscurecem-se as demandas de produção e ele perderia seu fundamento original” (Caú, 2017, p. 9).

Dito isto, esses enunciados técnicos reafirmam que o roteiro carrega em si uma importância definitiva na execução de dado trabalho que é previamente planejado sob um cunho técnico (Esteves, 2018; Sartori, 2011). Isso é evidenciado, por exemplo, na elaboração de um filme, já que, nos roteiros técnico-narrativos, além de contar algo brevemente sobre a história – quem são os personagens, características do enredo, cenário, etc – nesse tipo de texto é preferível as informações basilares daquilo que se constrói. Sob outra dimensão, é importante salientar que, embora o roteiro esbarre sob a égide técnica, este

gênero também é enxergado como um texto artístico, ao que convém a alguns atribuir o adjetivo “literário”. O roteiro, como emblema literário, consegue proporcionar no leitor a capacidade de se colocar no lugar do outro (Zorzo, 2020). Assim, é importante pensar que:

A elevação do status de simples “texto pré-filmagem” para texto artístico instiga opiniões diversificadas, inclusive entre os próprios roteiristas. Poderíamos principiar pela adjetivação que diferencia o roteiro literário e o roteiro técnico. Aquele é a primeira versão do texto a ser filmado, a criação primeira do roteirista. É chamado de literário por não possuir muita linguagem altamente técnica, aproximando-se bastante da literatura. (Zorzo, 2019, p. 40)

A partir desse olhar sobre o roteiro é possível encará-lo, agora, não somente como um texto técnico, mas como um gênero revestido de certa literariedade. Isso dialoga com a percepção de Esteves (2018), ou seja, o roteiro além da função técnica, também é passível de narratividade, sendo que essas duas funções estão a serviços uma da outra.

Nesse trâmite, considera-se roteiro literário aquele que antecede o texto técnico, ou seja, é parte textual isenta de descrições de planos de câmera ou de cada início de cena, pois nessa concepção do roteiro, a descrição de imagens situacionais não está submetida às exigências do plano. Logo, esse tipo de roteiro é responsável por criar uma espécie de construção mental acerca da imagem daquilo que compõe o contexto planejado, o que equivale a um panorama da história a ser montada, também denominada de plano situação, já que surge antes do detalhamento para o espectador (Soares, 2009; Puccini, 2009). Assim, o roteiro literário, ao contrário do texto técnico, não é mais apontado unicamente como um texto limitado, mas sim, rodeado de novas ressignificações. Dito isto, pensar em um roteiro é também perceber em um texto para além da forma fechada, mas que possibilita um enunciado dotado de possibilidades. Nesse aspecto, é interesse pensar que:

No texto literário escrito, o leitor goza de ampla liberdade para diversificadas interpretações, enquanto no roteiro a liberdade tem como guia as intenções do roteirista e um público-alvo que participará da transmutação do texto escrito em versão fílmica. (Zorzo, 2019, p. 21)

Dessa forma, embora esse gênero seja majoritariamente um texto técnico, permeado de jargões específicos e indicações cênicas complexas e para muitos limitadas, ele também admite sugestões de quem o escreve, ou seja, do autor/escritor/roteirista, que recorre a procedimentos literários constituídos fundamentalmente pela palavra escrita, e por esse motivo, também se torna objeto de apreço literário (Oliveira, 2019). Afinal, “embora o roteiro seja uma obra por si só, ele é também parte de uma outra muito maior que continuará sendo realizada depois que ele estiver pronto” (Esteves, 2018, p. 40). Em suma, roteirizar é uma tarefa que perpassa aspectos técnicos, descritivos, mas também pode alcançar delineamentos narrativos, subjetivos, ou seja, literários. Assim, compreende-se que elaborar um roteiro é um trabalho que acontece de forma não tão simplória ou meramente reduzida a uma fórmula infalível. Ao contrário, no que diz respeito a essa atividade é eficaz lembrar que: “o trabalho e a elaboração do roteiro acontecem de modo complexo, assim como o teórico e o ficcional quase sempre ocorrem de forma concomitante” (Zorzo, 2020).

Nesse embate que coloca de um lado condições técnicas e noutro aspectos intersubjetivos, não se pode admitir que um se sobressai ao outro, pois, mesmo que haja percepções distintas, a finalidade de tal gênero é promover orientações e encadeamentos de ideias na elaboração de um produto audiovisual. Desse modo, infere-se que:

Não significa que há tipos distintos de roteiros, mas que existem versões processuais até que se tornem um filme. Como o primeiro tratamento é um texto “aberto” para leituras e modificações pela instância narrativa para que vá às telas, há vários tratamentos entre o roteiro do primeiro tratamento ao roteiro final que vai para as filmagens os que operam, analogamente, pela tensão criatividade/recriação. E, mesmo após as filmagens, fazem-se necessárias mudanças, cortes e acréscimos efetuados na montagem. (Zorzo, 2019, p. 32)

Em suma, “o roteiro constitui, então, o princípio de um processo visual, e não o final de um processo literário” (Comparato, 2018, p. 28). Portanto, embora seja pertinente distinguir e conhecer os diferentes tipos existentes de roteiro, o verdadeiro sentido está em saber como cada um pode ser usado a favor daquilo que se pretende criar, seja um filme, um documentário, uma peça de teatro, etc.

### 3.3 Estrutura, elementos básicos do roteiro e papel do roteirista

Por se tratar de um gênero de base textual, o roteiro admite uma configuração estrutural com elementos básicos para sua escrita. Nesse sentido, se “roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim”, conforme afirma Soares (2009, p. 21), para estruturá-lo cabe a quem escrever ter conhecimentos básicos sobre o tipo de linguagem apropriada, bem como organizar as ideias em torno desse gênero.

Em face disso, ressalta-se que a escrita de um roteiro geralmente é pautada em tópicos frasais, apresentando, assim, períodos não muito prolongados no interior dos parágrafos. Soma-se a isto a constante presença de uma linguagem mais voltada para a objetividade, com clareza e concisão, sendo necessário, algumas vezes, o uso de frases nominais seguidas de uma explicação ou descrição. Se for preciso empregar frases longas ou complexas, estas correspondem às legendas que porventura poderão aparecer na transcrição ou na voz de determinados personagens ou na narração de locutores na versão fílmica de um trabalho (Kersch & Matias, 2018). Ademais, antes de escrever um roteiro ou estruturar as etapas que compõem seu interior textual, o roteirista precisa ter uma ideia definida acerca daquilo que irá projetar. Essa ideia inicial será fundamental para criar os argumentos que subsidiarão a construção pretendida. Nesse sentido, salienta-se que:

A escrita de um roteiro nasce de um desejo de montagem. Dentro das etapas de roteirização, a escrita de um argumento seria momento anterior à escrita do roteiro, uma apresentação menos detalhada do filme no papel. Sendo parte necessária, mas não obrigatória, na atividade do roteirista, o argumento estará, forçosamente, dentro de nosso campo de pesquisa. (Soares, 2009, p. 21)

Constate-se que a palavra escrita ou pensada é a natureza do gênero em discussão. Seja ela posta de forma técnica ou manifesta sob o caráter literário, o roteiro é saldo daquilo que se arquiteta como texto/signo, sendo construído para a decifração realizada por quem irá ler e/ou erguê-lo como guia laboral. Dito isso, nota-se que:

Escrever um roteiro é muito mais do que escrever. Em todo o caso, é escrever de outra maneira. Com olhares e silêncios, movimentos e imobilidades, com conjuntos incrivelmente complexos de imagens e de sons que podem possuir mil relações entre si, que podem ser nítidos ou ambíguos, violentos para uns e suaves para outros. (Comparato, 2018, p. 28)

Deste modo, o roteiro, cuja natureza é compreendida tendo como enfoque a palavra posta em arte, arquiteta-se como texto/signo, ou seja, é configurado mediante um significante que se oferece à decifração realizada pela leitura e desenvolvimento de quem o elabora (Zorzo, 2019; Sartori, 2011). Certamente, essa concepção corrobora que estruturar um roteiro é sinônimo de adequar da melhor forma determinada visão externa que um roteirista tenha, assim, convertendo-a num arcabouço técnico ou literário que se traduza em um mapa que direcione o processo de criação.

Convém lembrar que, para se escrever um roteiro não basta apenas conhecer os componentes que integram sua estrutura textual, mas, é muito pertinente que quem o escreve – o roteirista – sinta-se preparado para tal ofício. Para isso, se faz necessário “ideias, pesquisas, textos e tecidos que vão e vêm até construir o todo que conforma a obra” (Zorzo, 2020, p.15). Assim, um roteirista além de se sentir íntimo do universo da escrita também precisa demonstrar certa aproximação com a esfera audiovisual, com o mundo da leitura e com a pesquisa. A saber:

O roteirista precisa dispor de uma intimidade básica com a escrita e com a linguagem cinematográfica. Ele precisa saber escrever bem e, em seguida, estudar o formato e as etapas necessárias para a elaboração de um roteiro. É um processo que requer escritas e reescritas, além de muita pesquisa para que alcançar os elementos imprescindíveis ao início das filmagens. (Zorzo, 2019, p. 22)

Logo, atuar como um profissional desta área é deparar-se com a constante inquietude de aprimorar cada vez mais a zona de conhecimento, pois, escrita, reescrita, leitura e pesquisas se fazem indispensáveis na elaboração de um bom roteiro. Assim, é pertinente que o roteirista tenha conhecimento profícuo desse gênero, ou seja, para além do domínio da escrita formal, saiba também reconhecer e empregar os domínios básicos que se estabelecem em torno da estrutura arquitetônica dum roteiro, bem como empregar adequadamente os elementos que o compõe e singularizam o gênero supracitado.

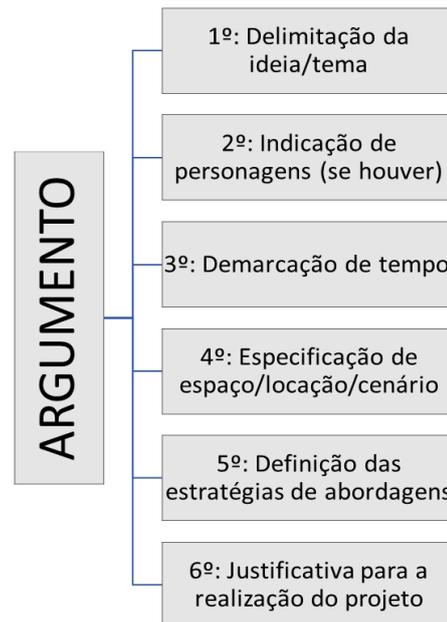
### **3.4 Etapas que constituem processo criativo do gênero roteiro**

Já é de conhecimento que o roteiro, por agir como uma espécie de guia, apresenta elementos e etapas que viabilizam instruir o encadeamento de acontecimentos que se erguem durante o processo criativo. Porém, essa tarefa precisa de destreza e afinco, porque escrever um bom roteiro, ou seja, contar uma história com todas as minúcias e facetas requer conhecimento de detalhes técnicos fundidos ao mundo da dramaturgia, da literatura e/ou também da ciência a fim de fundi-las numa construção linear que configure o texto que será convertido numa outra aparência ainda mais materializada (Assis, 2005; Paiva & Gomes, 2015). Para esse procedimento é pertinente organizar, atribuir sentido, enfim, construir. Nesse contexto, é sábio expressar que:

Em um roteiro isso significa aprimorar os diálogos, sintetizar cenas, cortar outras, eliminar exageros, coordenar as tramas, aprofundar personagens, dar coerência a detalhes. Tudo feito no momento adequado. O primeiro tratamento é a versão espontânea que apresenta, de modo direto, imediato, as características mais significativas do estilo de contar história de cada roteirista/autor. (Zorzo, 2019, p. 74)

Sob essa dimensão, se faz necessário entender como ocorre a construção de um roteiro. Isso inclui compreender quais são etapas e as características em torno delas. Assim, mediante a perspectiva pedagógica de Melo et al. (2021), elucidam-se, a seguir, etapas pertinentes e basilares de um roteiro, estas funcionam como suporte exemplar e criativo para produções do gênero. Desta maneira, após a escolha de uma temática, assunto, ou seja, ideia-mestre consistente sobre a qual o projeto se desdobrará, é interessante também pensar nos argumentos motivadores para essa idealização. Isso pode ser organizado conforme a Figura 1:

**Figura 1** - Etapas para construção do argumento de um roteiro.



Fonte: Adaptado de Melo et al. (2021)

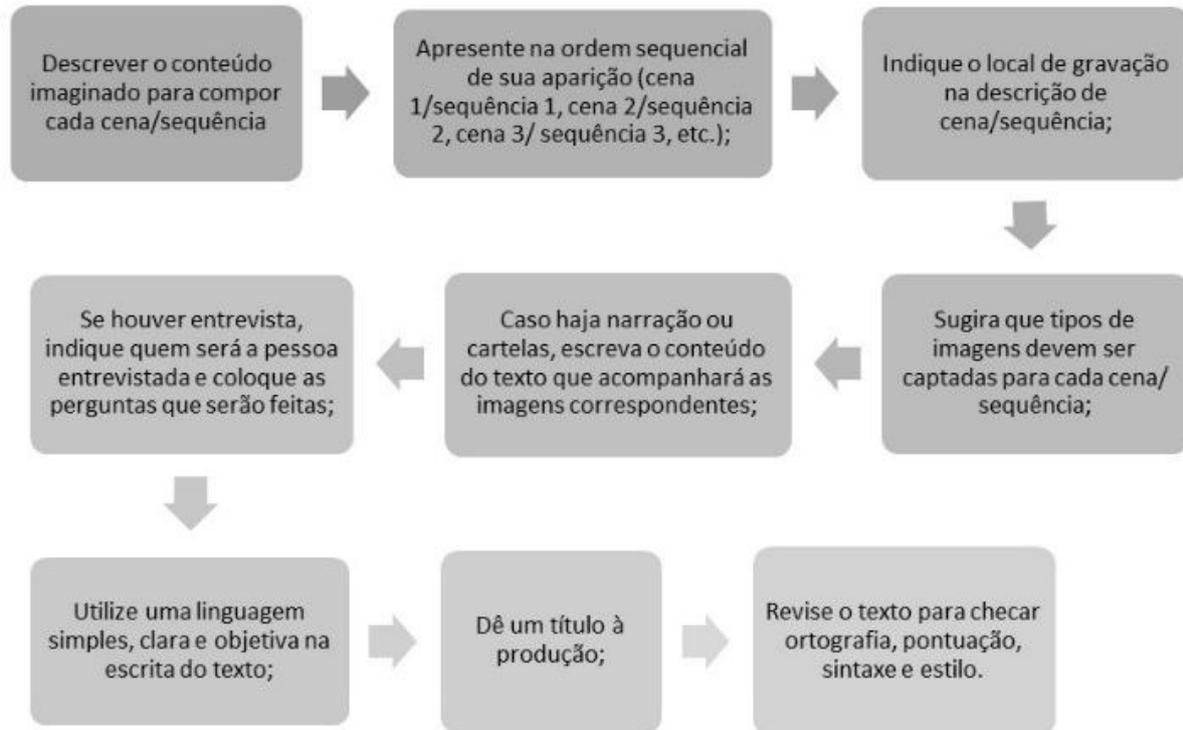
Diante do esquema acima, exibido na Figura 1, deduz-se que, com o argumento constituído é possível formular a sinopse do trabalho em desenvolvimento, ou seja, a partir das ideias argumentadas gera-se um resumo, uma síntese contendo basicamente os elementos abordados na etapa anterior.

Em seguida, para a elaboração do roteiro, Melo et al. (2021) assinala que é importante pensar nos objetivos que cada cena e/ou sequência de encadeamento de cenas irão suscitar. Desse modo, orienta-se pensar nas seguintes questões norteadoras:

Qual será a primeira imagem e som do filme e por quê? Quais sensações, ideias e emoções essa imagem e som podem provocar no espectador? Qual será a segunda imagem do filme? E o segundo som? E como essa imagem e esse som se conectam com a imagem e som anteriores? E com os seguintes? Que sentido constroem juntos? Haverá entrevistas? Qual será o/a primeiro(a) entrevistado(a) e por que essa pessoa e não outra? Quais perguntas serão feitas e o que queremos saber com essas perguntas? Serão utilizados materiais de arquivo, como fotografias, documentos e vídeos caseiros? Com qual propósito e em quais momentos? Haverá música? Qual? Quais sensações essa música pode gerar? Ela traz outra camada de informação/sentido ao que está sendo visto? Reforça ou se contrapõe à imagem? Como o filme termina? A imagem escolhida para fechar o filme deixa qual impressão no espectador? Ela colabora para o ponto de vista que o filme pretende apresentar? (Melo et al. 2021, p. 128)

Refletir sobre esses questionamentos elencados acima ajuda o roteirista a selecionar aquilo que melhor se adequa à sua proposta, facilitando, assim, a construção de cada sequência, seja na abertura, na parte intermediária ou no encerramento da produção a que se destina. Isso se justifica, pois, “para o roteirista e diretor, com um bom roteiro na mão é mais fácil distinguir aquilo que pode enriquecer e interessar à narrativa daquilo que vem a ser dispersivo” (Zorzo, 2020). Então, questionar-se previamente àquilo que deverá ser elaborado, certamente, enriquece e auxilia a seleção de ideias e fundamentos em torno da síntese produzida. Posterior às etapas descritas, o roteiro chega à fase de estruturação final. Nesse momento é interessante ter acatado as orientações já fundamentadas, porque nessa fase, espera-se, de fato, construir o material-guia que norteará uma determinada gravação audiovisual. Dito isto, abaixo segue um esquema que facilita a compreensão da montagem de um roteiro. Deste modo, seguem as seguintes orientações, conforme detalhado na figura 2:

**Figura 2** - Orientações para a escrita de um roteiro



Fonte: Adaptado de Melo et al. (2021)

Em virtude das orientações supracitadas na figura 2, o roteiro seguirá para um processo de tratamento textual, onde será possível lapidar os elementos. Assim, espera-se que ele seja “refinado”, para tanto, e se necessário, orienta-se: “aprimorar os diálogos, sintetizar cenas, cortar outras, eliminar exageros, coordenar as tramas, aprofundar personagens, dar coerência a detalhes” (Zorzo, 2020, p. 6). Ao acatar tais sugestões, espera-se, finalmente, concretizar de forma profícua a criação de um material capaz de atender as necessidades previstas no início de um determinado projeto.

#### 4. Conclusão

A partir das considerações abordadas, evidencia-se que o gênero roteiro é definido como uma espécie de guia instrutivo que visa auxiliar o processo criativo de determinada produção, seja essa técnica ou artístico-literária, seja no âmbito das artes ou em atividades técnico-educativas e/ou audiovisuais. É notável que, embora rodeado de orientações metódicas e técnicas, esse gênero também é sujeito à intersubjetividade de quem o escreve, pois, roteirizar surge a partir do ato de escrever, e esta ação – escrever – é imersa nas relações sociais, sendo assim, derivada de múltiplas informações que instigam a criatividade.

Conclui-se também que roteirizar é uma forma de sistematizar uma atividade/trabalho a qual nos debruçamos. Para tanto, é preciso domínio da linguagem, objetividade, simplicidade e clareza lexical para facilitar o entendimento do que se produz, e assim, promover o desenvolvimento eficaz de um projeto ou atividade. Tudo isso culmina em uma descrição, um mapa informativo que dará suporte necessário a fim de atingir os objetivos previamente idealizados.

Portanto, roteirizar é uma prática social, educativa e sistêmica, que se compreendida e seguida metodologicamente pelo indivíduo que a elabora, promove o alcance de determinado produto instrutivo rico em informações úteis para iniciar um projeto de forma menos embaraçada e mais esclarecida.

Em suma, entende-se que estas reflexões sobre o roteiro subsidiam com mais clareza o entendimento sobre esse gênero. Ademais, reforça-se neste estudo a ideia de que outras pesquisas também possam se debruçar sobre este objeto a fim de gerar novas inquietudes e entendimentos que ampliem e disseminem conhecimentos sobre esse tema. Para tanto, sugere-se a realização de estudos originais/primários, na tentativa que, estes possam elucidar com mais profundidade as definições, características e usabilidades do gênero roteiro associadas à criação de materiais audiovisuais nos mais variados segmentos sociais.

## Referências

- Araújo, W. S. (2014). *A construção de identidades: da leitura para o roteiro e do roteiro para a leitura - um estudo analítico de projetos de adaptação de textos literários para jogos digitais*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14322>.
- Assis, W. (2005). *A Cartomante - roteiro, história, origem e comentários*. Imprensa Oficial. <https://books.google.com.br/books?id=YKY3pnI4BygC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>
- Bakhtin, M. (2016). *Os gêneros do discurso* (1ª edição). Editora 34.
- Caú, M. C. (2017). O roteirista como escritor, o roteiro cinematográfico como literatura. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (REBECA)*, 6(1), 1-16. <https://doi.org/10.22475/rebeca.v6n1.372>
- Comparato, D. (2018). *Da criação ao roteiro: teoria e prática*. Summus.
- Cruz, R. R. (2016). O tempo no terceiro mundo de Glauber Rocha: o roteiro cinematográfico como gênero literário. *Revista do GELNE*, 18(2), p. 204-224, 2016. <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2016v18n2ID11209>
- Esteves, L. F. (2018). *O roteiro como gênero literário: uma análise do discurso narrativo do texto cinematográfico*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197473>
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.) Atlas.
- Field, S. (1995). *Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. Objetiva.
- Hampe, B. (1997). *Making documentary films and reality videos*. Henry Holt and Company.
- Galvão, J. A. M., & Tiburzio, V. L. B. (2021). Escrita de roteiros: a produção de um audiovisual na escola e a escrita sobre sua aprendizagem. *Cadernos CIMEAC*, 1(3), 314-340. <https://doi.org/10.18554/cimeac.v1i1i3.5989>
- Kersch, D. F. & Matias, J. (2018). “Ensinei meus colegas e fui ensinado também”: gênero roteiro de documentário, trabalho colaborativo potencializado pelo PDG. *Revista Entrelinhas*, 12(2), 126-150. <https://doi.org/10.4013/entr.2018.12.2.01>
- Kickhöfel, T. R. (2015). Entre literatura e cinema: o roteiro como gênero literário. *Letras Escreve*, 5(1), 59-73. <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/1432>
- Moran, J., Masetto, M. T., Behrens, M. A. (2013). *Novas tecnologias e mediação pedagógica* (21ª ed). Papirus.
- Melo, C. T. V., Bomfim, A. P., Sousa, F. S., Barbosa, F. (2021). *Caderno Docente: orientações para produção do gênero documentário* (2ª edição). Ed. Itaú Social. [https://www.escrevendofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/documentario/](https://www.escrevendofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/)
- Oliveira, M. C. P. (2019). *O cruzamento de fronteiras entre literatura, cinema e roteiro cinematográfico em O céu e o fundo do mar, de Fernando Bonassi, e Miguel e os demônios, de Lourenço Mutarelli*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual paulista (Unesp). <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181125>
- Paiva, H. L., & Gomes, B. S. F. de F. (2015). O Roteiro de Cinema. *Revista eletrônica extensão em debate*, 2ª Edição Especial, 1-15. <https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/1725>
- Puccini, S. (2009). Introdução ao roteiro de documentário. *Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário*, 13, 173-190. [http://www.doc.ubi.pt/06/artigo\\_serjio\\_puccini.pdf](http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_serjio_puccini.pdf).
- Sartori, A. T. (2011). Os efeitos da apresentação de roteiros na produção escrita de crianças. *Anais do SIELP*, 1(1), 36-49. [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume\\_1\\_artigo\\_004.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_1_artigo_004.pdf)
- Soares, S. J. P. (2009). *Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção*. (8ª edição.) Papirus Editora. <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-103819/documentario-e-roteiro-de-cinema---da-pre-producao-a-pos-producao>
- Zorzo, S. S. T. (2019). *Crisálida-texto: o roteiro cinematográfico A criação literária nos roteiros - O pai da Rita e Cabra-cega, de Di Moretti*. Tese de Doutorado em Literatura, Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35216>
- Zorzo, S. S. T. (2020). Crisálidas-texto: os roteiros de cinema publicados no Brasil. *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias*, 5(3), 335-375. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/157088>